

## As técnicas, linguagens e expressões corporais na dança e no teatro.

### Dança

#### Técnicas:

O valor da técnica na Dança está em seu sentido utilitário e não como um fim em si mesmo. A técnica seria um meio eficaz para canalizar o movimento expressivo a atingir os seus propósitos – plena sintonia entre dançarinos e o mundo pela sua comunicação gestual.

A essência da técnica consiste em organizar e difundir um determinado conhecimento sobre o próprio corpo e as possibilidades dos movimentos existentes em potencial. A clareza e a objetividade dos movimentos permeados pela técnica cristalina e transparente fazem à beleza do movimento. A limpeza do gesto e movimento expressando o que se busca expressar; ganha a beleza e emoção, traz como consequência, valor estético da dança. Manifestar sentimentos, emoções e intenção em relação à realidade que cerceia o dançarino confere a expressão de um movimento coreográfico uma natureza sequencial de verdades pela dimensão autêntica do movimento executado.

#### Linguagens:

A dança foi uma forma de arte muito valorizada na Antiguidade Clássica, já em outras sociedades teve uma função muito pragmática associada a tradições de fertilidade, cultos religiosos, etc. Caracteriza-se por movimentos corporais coreografados ou espontâneos e improvisados, quase sempre acompanhados de uma trilha musical que sugere a cadência, a intensidade e a expressividade dos movimentos em questão. Essa manifestação artística pode ainda ser vista como uma das muitas formas de organização da linguagem corporal.

A dança, como acontece com muitas formas artísticas, pode ser vista de formas muito diferentes por distintas comunidades, de forma de entretenimento e socialização estritamente, como é o caso dos passos de dança em carnavais de rua como o de Olinda, a uma forma de transe coletivo motivado pelo movimento circular e ritmado de fiéis de algumas religiões, como é o caso do ritual associado a comunidades religiosas como o Santo Daime. Como expressão artística, a partir de uma ótica não pragmática, a dança admite escolas específicas que produzem formas diferentes de pensar os movimentos do corpo como forma de arte.

Há registros confiáveis de que o homem dança há milhares de anos. Possivelmente, como forma de afastar ou pedir a chuva, de conseguir resultados melhores para uma caçada ou mesmo de adorar algum deus. Nas cavernas de Lascaux, na França, há pinturas rupestres que mostram nitidamente grupos de humanos em situações que remetem a uma forma primitiva de dança. Como para esses povos, aparentemente o que se pintava nas paredes das cavernas era de crucial importância como situações de caça, pode-se inferir que a dança ocupava posição importante na vida dessas comunidades.

Isso ocorre provavelmente desde as primeiras organizações sociais humanas razoavelmente complexas, quando já era possível pensar na possibilidade de que o homem era capaz de produzir simbologias abstratas, que fariam com que ele pudesse associar uma forma de dança primitiva a maior possibilidade de que o inverno fosse menos rigoroso, por exemplo.

A dança, por milhares de anos e em muitas locais do planeta, foi uma possibilidade corporal exclusiva de homens. Só nos séculos XIX e XX, que as mulheres emanciparam-se o bastante para poderem participar ativamente de danças teatrais mais frequentemente. Em danças folclóricas, nos séculos anteriores, já havia presença perceptível de mulheres nessas expressões artísticas. Ainda

hoje, em certas regiões da União Soviética, existem danças matrimoniais em que as mulheres não tomam parte dos movimentos corporais, a não ser como referencial para os homens dançarem em torno delas, principalmente da noiva.

A história da dança como forma artística, inscrita numa ideia mais formalista de arte, demonstra as inúmeras mudanças pelas quais passou o entendimento da dança não só por parte de seus criadores e dançarinos, mas também de seu público, que, metaforicamente, passou a exigir cada vez mais em diferentes níveis dos espetáculos de dança.

As danças populares e folclóricas são um marco importante na história dessa arte, pois foi certamente a partir de variantes rudimentares e antigas delas, repassadas pelo exemplo e pela oralidade por milhares de anos, que a dança desenvolveu-se como forma artística e como técnica corporal.

O Balé Clássico, bem mais tarde, baseado no preciosismo técnico, nas narrativas surreais e nos espaços idílicos que norteavam a coreografia, foi um contraponto a espontaneidade inicial.

Ao longo do século XIX, mas especialmente na aurora do XX, desenvolveram-se entre bailarinos e bailarinas de formação clássica uma visão mais autônoma esteticamente em relação às possibilidades de movimentação do corpo, muito influenciada pelas muitas vanguardas estéticas, pelo questionamento dos rigores teóricos e técnicos do balé clássico e pela ebulição nas artes que as ideias modernistas propiciaram. São expoentes desse momento Isadora Duncan e Vaslav Nijinski.

Como uma consequência das ideias modernistas no universo da dança, nasceu a Dança Contemporânea que por vezes se concilia de alguma forma com modos mais tradicionais de dançar, sem, contudo, interromper as propostas de inovação estética da Dança Moderna. Nesse sentido, as formas contemporâneas de dança passam a fazer uso de adventos tecnológicos como o vídeo, o cinema, os aparatos modernos de iluminação, os movimentos do esporte, a referência de culturas marginais, etc., além de se deixar influenciar pelos ritmos e movimentos da sociedade da qual faz parte, tais como: a urbanização ampla e acelerada, a importância crescente dos meios de comunicação e informação, a crise moral, as questões ecológicas, etc. Além disso, inauguram um tempo de intensas mixagens que ajudaram a tornar nebulosas as fronteiras entre teatro, música, dança e artes visuais. São exemplos desse tipo de experiência com a dança, grupos como Corpo, Quasar, Deborah Colker Cia de Dança, etc.

A dança é uma das linguagens artísticas mais antigas até pela sua pouca exigência quanto a aparatos tecnológicos e mesmo formação acadêmica para ser realizada ainda que em um nível muitas vezes rudimentar. Entretanto, desde as formas de dança mais eruditas como o Balé Clássico até as danças populares como o Frevo e a Quadrilha, em todas há elementos que as constroem como manifestações artísticas e corporais. Segundo a pesquisadora Judith Lynne Hanna, os elementos da linguagem da dança, que combinados permitiriam a compreensão da dança de acordo com o estilo, a escola ou mesmo a função, são:

- **Espaço:** direção, nível, amplitude, foco, ordem e forma.
- **Ritmo:** tempo, duração, ênfase e compasso.
- **Dinâmica:** força, energia, tensão, relaxamento e fluxo.
- **Forma:** relação estabelecida entre quem dança com o outro, com o espaço e com objetos.
- **Locomoção:** caminhar, pular, correr, saltar, rolar, esticar-se, rodopiar, etc.
- **Gesto:** movimentos como rotação, flexão, extensão e vibração.
- **Frase corporal:** movimentos em sequência capazes de denotar uma afirmação específica.
- **Motivo:** parte do movimento apresentada de maneiras distintas: rápido ou lento, forte ou suave, etc.

Dentre as muitas possibilidades de se abordar a classificação dessa forma de arte tão dinâmica, quanto multifacetada, faz sentido pensá-la sob várias perspectivas que alcancem vários elementos constituintes e conceituadores, eis alguns deles:

- Quanto aos envolvidos no processo da dança:

- dança solo (ex.: solista no balé, algumas coreografias do sapateado, break, o passista do frevo e o da escola de samba, etc.).
  - dança em dupla (ex.: tango, salsa, valsa, maxixe, lambada, o mestre-sala e a porta-bandeira de escolas de samba, etc.).
  - dança em grupo (ex.: danças de roda, maracatu, maculelê, etc.).
- Quanto à razão:
    - dança folclórica (ex.: catira, carimbó, reisado, etc).
    - dança cerimonial ou religiosa (ex.: danças indianas, dança sufi, etc.).
    - dança étnica (ex.: dança árabe, danças indígenas, etc.).
    - dança terapêutica (ex.: auxílio no tratamento de doentes psiquiátricos, etc.)
    - dança erótica (ex.: can can, striptease, etc.).
    - dança cênica ou performática (ex.: balé, Danças Contemporânea e Moderna, etc.).
    - dança social (ex.: dança de salão, axé, samba, etc.).

### Expressão:

A dança é relacionada no senso comum como um meio de comunicação, de autoconhecimento, de educação do sensível, mas principalmente uma forma de expressar os sentimentos podendo estar em diversos espaços e de diferentes formas como no lazer, no trabalho, na formação, entre outros.

A Expressão Corporal desempenha e amplia todas as possibilidades humanas. Este movimento corporal é a possibilidade de conhecimento dessa linguagem individual. Por imediato, o corpo tem a capacidade de se manifestar, o que, na expressão corporal, se apresenta através do vivido corporal, da experiência do corpo seja em situações do cotidiano ou da arte.

Mas, há uma diferença fundamental entre dança e expressão corporal. Na dança, as academias estão preocupadas com a formação do profissional. Seus cursos estão calcados nas metodologias, nos processos de ensino-aprendizagens, discutem o campo crítico-reflexivo. Em outras palavras a dança está mais ligada a um caráter sério e técnico pautado em fundamentos teórico e que não dá espaço para a ludicidade.

Já na expressão corporal o que se vê é mais um “brincar” com o corpo de onde não se descarta a linguagem, as sensações, os sentimentos e pensamentos realizados com ele.

Segundo BRIKMAN (1989), a expressão corporal desempenha e amplia todas as possibilidades humanas. Possibilidades que trazem o conhecimento pessoal e individual, dando ao corpo a oportunidade de manifestar suas experiências e vivências do cotidiano e da arte.

Podemos dizer que, nas danças do final do século XIX para os dias de hoje, existe uma preocupação maior com a consciência do movimento. Para atingir esta consciência utiliza técnicas diferenciadas da dança clássica. Uma técnica onde a expressão corporal descreve um resumo denso e breve do cotidiano, do cultural, das necessidades e desejos humanos e bem menos do irreal e do imaginário.

As danças atuais já não privilegiam o bailarino por seu virtuosismo, mas iguala a todos no mesmo patamar quando a dança é feita por um grupo. O ambiente em que elas acontecem não são somente os palcos dos grandes e imponentes teatros, mas acontecem também nas ruas, praças, galerias, shopping centers, estações de metrô etc. Os movimentos não são os padronizados pelas danças clássicas, são mais leves e soltos, pois estimulam a criação, as pesquisas sobre novos movimentos e novas possibilidades de realização. Mas, tanto umas como as outras são estéticas, ou seja, o belo sempre está presente.

Uma dança (clássica ou expressiva corporal) nunca está pronta. Sempre há espaço para a criatividade, para uma expressão interior, para um novo sentimento ou pensamento impresso num movimento. E este está repleto da contribuição pessoal. Então, passa a ser único, original e criativo.

## Teatro

### Técnicas e suas aplicações diárias:

São muitas as técnicas do teatro que utilizamos no nosso dia-a-dia sem nos darmos conta: a dicção, a projeção de voz, também as técnicas para decorar um texto e a forma como respiramos para a nossa voz sair mais firme e segura.

A dicção é umas das técnicas chave do teatro, muitas vezes é dela que depende se a peça é percebida pelo público ou não, por isso os atores apostam muitas vezes em trabalhar a dicção. Mas também no nosso dia-a-dia a dicção é importante para sermos percebidos e conseguir argumentar as nossas ideias claramente.

A projeção de voz é outro elemento muito importante, com esta técnica o ator fala alto sem esforçar as suas cordas vocais e isto, associado à dicção, é um elemento chave para que o público entenda a peça para no final poder comentar se gostou ou não, se entendeu qual a história da peça, etc. Podemos utilizar estas duas técnicas em conjunto na apresentação de projetos quer seja na universidade, como no trabalho. Isto vai facilitar a compreensão do trabalho e futuramente a crítica.

Quando um ator recebe em mãos a próxima peça a ser realizada, a primeira coisa que faz é lê-la do princípio ao fim, para compreender o tipo de peça (se é uma comédia, um drama, um suspense, etc.). Depois pode sublinhar as falas da sua personagem, para a distinguir das outras quando for para decorar. Mas, antes de passar para fase de decorar as falas e as deixas das outras personagens, há de se perceber a personagem, quais são as suas características, quais são os seus defeitos e os seus sentimentos em relação à história.

A forma como respiramos também é algo importante. A respiração torácica faz que a nossa voz, quando é projetada com os nervos, saia tremida, e isso faz com o público não perceba as falas daquele ator. Por isso a respiração abdominal substitui a torácica, para a voz sair firme e segura, sem se notar o nervosismo inicial do ator que depois de pisar o palco passa, esquecem-se os nervos e encarna-se a personagem. A respiração abdominal pode ser utilizada quando temos que apresentar um projeto, ou quando temos que falar em frente de centenas de pessoas e nos sentimos nervosos. A nossa voz vai sair de forma perceptível, firme e segura, sendo que ninguém vai notar o nosso nervosismo, o que faz com que, enquanto apresentamos, comecemos a sentir-nos mais relaxados, porque ninguém notou a nossa insegurança inicial.

Enfim, estas são pequenas coisas no nosso dia-a-dia que nem reparamos como podem ser importantes no teatro, da mesma maneira que não reparamos como o teatro pode ser tão importante para nos ajudar no nosso dia-a-dia.

### Linguagem:

De forma sistemática, o teatro surgiu, supõe-se, na Grécia antiga, no século IV a.C., como uma forma de homenagem ao deus do vinho Dionísio como agradecimento pelas colheitas de uva. Essa tradição começou como simples procissões nas áreas urbana e rural que foram ficando cada vez mais elaboradas até que passaram a ser apresentadas cenas inspiradas nos feitos desse deus do panteão grego, com a ajuda de cantorias, danças e pequenas representações. O primeiro “diretor de coro” renomado, espécie de organizador dessas procissões, foi Téspis, que era o responsável por dirigir a procissão de Atenas. Ele concebeu o uso de máscaras no processo de encenação como forma de facilitar a visualização por parte dos espectadores dos sentimentos associados à cena que eram representados pelas feições das máscaras, para alguns historiadores elas também eram uma forma de dar maior alcance para as vozes dos atores em cena.

Nessas encenações, o "coro", composto por narradores, que por meio de danças, cantos e atuações contavam a história de um personagem, que estabelecia um processo de interlocução com a plateia, além de ser responsável pela conclusão da peça. Podia haver ainda o “corifeu”, que era um representante do coro que também se comunicava com a plateia.

A partir dessas experiências iniciais, desenvolveu-se a tragédia grega que teve como principais autores Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Aquele se notabilizou por suas histórias sobre fatos da vida de deuses e sobre mitos, seu principal texto foi “Prometeu acorrentado”. Já Sófocles preferiu os temas mais realistas e associados à vida de figuras históricas, sua tragédia mais importante foi “Édipo Rei”. Eurípedes dedicou-se aos renegados, aos vencidos sendo, por isso, considerado precursor do drama ocidental. Seu principal texto é “As troianas”. No campo das comédias, destacou-se Aristófanes, visto como dramaturgo mais importante da comédia grega clássica.

No Brasil, o teatro surgiu no século XVI com o objetivo de auxiliar na propagação da fé católica. O padre José de Anchieta foi um dos primeiros autores teatrais brasileiros em virtude dos autos (antiga composição teatral) que escreveu a fim de catequizar os índios. O “Auto de São Lourenço”, escrito em tupi-guarani, português e espanhol, foi um marco da incipiente produção teatral brasileira.

Um intervalo de dois séculos separou a atividade teatral jesuítica da continuidade do início de produção teatral regular no Brasil. Foi a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808, que permitiu o progresso contínuo do teatro brasileiro. A partir de então, começou a produção teatral marcadamente brasileira que passou a se consolidar com os trabalhos do ator e empresário João Caetano que participou em 1838 da encenação da peça “Antônio José ou O Poeta e a Inquisição”, de autoria de Gonçalves de Magalhães, que foi a primeira tragédia escrita por um brasileiro com motivações visivelmente brasileiras. No mesmo ano, também foi responsável pela montagem da peça “O Juiz de Paz na Roça”, de autoria de Martins Pena, precursor da longa tradição de comédias de costumes na história do teatro brasileiro. Gonçalves de Magalhães, ao voltar da Europa em 1867, introduziu no Brasil a estética romântica, que iria nortear escritores, poetas e dramaturgos brasileiros como Gonçalves Dias que, além de poesia, também escreveu uma peça de grande relevância histórica e artística: “Leonor de Mendonça”. Mais alguns autores conhecidos comumente como prosadores e poetas também escreveram peças teatrais, são exemplos: Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar, Álvares de Azevedo e Castro Alves.

Na transição do século XIX para o XX, o Realismo passou a influenciar a dramaturgia brasileira com a montagem da peça “O mandarim” de Artur Azevedo por Joaquim Heliodoro em 1855, além disso, houve a estabilização da opereta e do teatro de revista como o tipo de montagem preferida do público brasileiro. Entretanto, no teatro, o Realismo não deriva para Naturalismo como na literatura, provavelmente por causa da preferência brasileira pelo “vaudeville”, a revista e a paródia, gêneros mais leves e humorísticos.

Outro marco importante foi a abertura do Ginásio Dramático em 1855, quando Joaquim Heliodoro ajudou a consagração da comédia como gênero dramático mais popular à época com esse novo teatro em que eram encenadas as peças francesas mais modernas de então.

O Realismo de origem francesa influenciou a produção teatral brasileira a discutir nas peças temáticas sociais e psicológicas, que muito ecoariam nas produções teatrais do Modernismo.

O século XX nasceu para o teatro ainda muito ligado a produções sem aspectos modernistas no Brasil, assim, eram populares o teatro de variedades, as companhias estrangeiras com encenações trágicas e óperas de elaboração clássica e elitista, além é claro das onipresentes comédias. O Modernismo seria sentido de forma contundente apenas com a obra de Oswald de Andrade, “O Rei da Vela”, que só seria encenada por José Celso Martinez Corrêa na década de 1960. Entretanto, para a maioria dos historiadores, a encenação de “Vestido de Noiva” de Nelson Rodrigues, em pleno Estado Novo inauguraria o moderno teatro brasileiro do ponto de vista da concepção e da encenação teatral. Mais tarde, Nelson Rodrigues seria por muitos considerado o maior dramaturgo brasileiro por causa de uma vasta obra em que rivalizam a qualidade inquestionável e a capacidade dele de questionar a sociedade e os tabus de então, em especial os da classe média, são elas: “Anjo Negro”, “Álbum de Família”, “Os Sete Gatinhos”, “A Falecida”, “Perdoa-me por me Traíres”, “Beijo no Asfalto”, “Bonitinha mas Ordinária”, etc.

Ao longo da década de 1960, surgiram a partir dessas referências e outras estrangeiras no campo do teatro e de posturas ideológicas e políticas, por vezes explícitas, uma grande quantidade de grupos e companhias estáveis de teatro. São considerados os grupos mais importantes para a história do teatro brasileiro da segunda metade do século XX: o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), o Teatro Oficina, o grupo de Cacilda Becker, o Teatro dos Sete, o Teatro de Arena de São Paulo, a Companhia Celi-Autran-Carrero, entre muitos outros. Em virtude dessas muitas novidades no campo estético, político e cultural na dramaturgia brasileira, era possível no início da década de 1960 prever um intenso avanço e uma profunda diversificação da produção teatral no Brasil, entretanto esse processo foi boicotado pelos militares após o Golpe Militar de 1964, e, após o AI-5, a censura perseguiu impiedosamente diversos realizadores de teatro que foram obrigados a parar seus trabalhos ou exilar-se no exterior. Entretanto, ainda que as produções tivessem diminuído, a criação teatral alcançou altos níveis de qualidade pelas idéias e criações de diversos autores como Augusto Boal, Gianfrancesco Guarnieri, Antônio Callado, Osman Lins, Ariano Suassuna, Dias Gomes, etc.

A partir da década de 1980, com o fim do regime militar, com um país em aparente e eterna crise econômica e com a consolidação da televisão como meio de informação e entretenimento da maior parte da sociedade, as pessoas envolvidas com o teatro passaram a questionar a função, a linguagem e a produção teatral por causa da especulação de que o teatro poderia perder ainda mais público no Brasil. Como resposta a essas questões, realizadores uniram-se mais uma vez em grupos como o Galpão para reavaliar e experimentar novas linguagens dramáticas. Além disso, o Governo e a iniciativa privada passaram a contribuir de forma importante para o custeio de produções que seriam inviáveis sem esse apoio e absolutamente inacessíveis a praticamente todos os brasileiros. A televisão também cumpriu um papel positivo para o teatro ao dialogar com ele em obras televisivas com diversos elementos cênicos e com uma abordagem teatral do enredo, da cenografia ou mesmo da atuação dos atores. São exemplos dessa iniciativa “Hojé é dia de Maria”, “Capitu”, “Pedra do Reino”, “Som e Fúria”, “Decamerão”, etc.

Com o objetivo de facilitar melhor a compreensão sobre a linguagem teatral, é importante recordarmos sobre as três modalidades pertencentes aos gêneros da literatura. Entre eles, destacam-se:

- **Gênero Lírico** - Representa o estado de alma, a subjetividade representada pela voz do poeta.
- **Gênero Épico** - Retrata os grandes feitos heroicos que fizeram parte da história de um povo. Geralmente mescla-se com figuras sobrenaturais, como é o caso das musas e deuses da Mitologia Grega, sendo que estes agem contra ou a favor de um determinado acontecimento ao longo da narrativa.
- **Gênero Dramático** - Refere-se à linguagem encenada, representada pela linguagem teatral, contando com a participação de elementos extraverbais, como cenário, figurino, iluminação e sonoplastia.

Especificamente, a linguagem teatral, como já detectamos, pertence ao gênero dramático, e tem a **Dramaturgia** como elemento primordial. A palavra **Drama** origina-se do grego, que significa “ação”.

O texto teatral teve seu papel de destaque na Grécia antiga, por volta do século V a.C., as peças apresentadas baseavam-se nas Tragédias, uma vez que as mesmas tinham o objetivo de levar aos espectadores à catarse, isto é, à purificação da alma por meio da libertação das emoções. Os conflitos envolviam problemas de poder e honra e eram vividos por personagens representados pela classe social privilegiada.

Com as tragédias surgiram outras modalidades do gênero dramático, as quais se definem como:

- **Comédia** - Representação de situações do cotidiano, com personagens representadas pelas classes populares. A intenção era provocar riso através da crítica aos costumes.
- **Auto** - Peça curta apresentada em festas religiosas, tendo como personagens, verdadeiros representantes de entidades abstratas, tais como a bondade, o pecado, a hipocrisia e a virtude.
- **Farsa** - Peça curta que satiriza os costumes, dando ênfase ao grotesco.

Ao longo da história, a linguagem teatral não só sofreu influências de outras linguagens como cinema, televisão e informática, como também passou por questionamentos sobre o seu real objetivo: a função catártica, que resultaram em denúncias sociais e reflexões filosóficas.

## A poética como uma busca estética de artistas ou de grupos de artistas.

Na arte existem várias formas de expressão. Através da **literatura**, por exemplo, podemos expressar nossos pensamentos, sentimentos e emoções, e, por meio da escrita, emocionar as pessoas. Através da **música** conseguimos atingir rapidamente o íntimo dos que ouvem provocando-lhes diversas sensações, mas e as **artes plásticas**? A pintura, o desenho, a escultura... o que eles podem nos transmitir?

Quando ouvimos uma música, por mais que não consigamos entender completamente a sua mensagem ela pode nos provocar sensações que embalam nossos sentimentos tornando, de certa forma, desnecessária sua compreensão. É o caso de se ouvir uma música numa língua desconhecida. Por mais que não saibamos o que a letra diz a sua melodia, os sons, podem nos provocar diversas sensações. A música tem esse poder. Mas e as artes plásticas?

Para entendermos melhor sobre esse assunto, vamos pensar de uma maneira bem simplificada: a música é uma forma de expressão que chega até nós através de nossos ouvidos. Esse é o veículo que ela tem para nos alcançar e nos envolver. As artes plásticas, porém, são uma forma de expressão que chega até nós através da visão. É como se as artes plásticas fossem a música para os olhos, por isso precisamos afinar nossos "ouvidos" (olhos) visuais para podermos apreciar essas formas de expressão. Mas como podemos fazer isso? Por que parece tão difícil de entender uma obra de arte?

Tudo depende de uma questão de conhecimento, porque **a compreensão artística depende do nosso conhecimento sobre arte**. Conhecendo a história de um artista, a época em que ele viveu e o pensamento artístico desse período poderemos compreender melhor a sua obra. Não estou dizendo com isso que todos precisam ter um conhecimento aprofundado sobre arte para poder apreciá-la, isso não é fundamental para os não iniciados. Para podermos apreciar uma obra de arte só precisamos de um pouco de sensibilidade. Aquele que desconhece o significado da beleza imaterial pode estar diante da obra mais importante da humanidade e sequer se manter dois segundos olhando pra ela. Se você não souber muito sobre história da arte, conceitos artísticos, etc, não se preocupe, conhecer tudo isso é prioridade para o artista. Ele precisa desses elementos para criar. Procure apenas olhar para ela e veja se você gosta ou não. Simples assim. Mas esse olhar não é simplesmente ver, mas contemplar. Ainda assim, o conhecimento é fundamental para aqueles que desejam uma visão mais ampla.

Aqui, por exemplo, nós temos uma obra de arte. Primeiramente eu gostaria que você tentasse examinar essa obra buscando saber qual a mensagem que ela deseja transmitir na sua opinião. Fique por alguns instantes pensando a respeito dela.



*Espólio*

E aí, conseguiu descobrir alguma coisa? Bem, como a compreensão artística depende do nosso conhecimento sobre arte, vamos estudá-la mais a fundo.

Esta é uma pintura a óleo sobre tela e foi pintada por El Greco, entre os séculos XVI e XVII. Contudo, El Greco não é o nome verdadeiro desse artista. Na verdade ele se chama Domenikos Theotokopulos. Ele nasceu na ilha de Creta onde estudou pintura. Num certo período ele se dirige para a Espanha onde estabelece residência até o final da sua vida. O nome El Greco indica a história de sua nacionalidade. El, em espanhol significa “O” indicando sua influência espanhola e Greco, que em grego significa “grego” indicando sua origem, portanto El Greco.

Este personagem representa um dos maiores artistas do Maneirismo. Movimento que surgiu logo após o Renascimento. No período da renascença a arte deveria representar a realidade, mas para o Maneirismo a representação da realidade havia esgotado os artistas que procuravam novas formas de expressão, então criou-se o Maneirismo que significa maneira, tudo porque nessa época os artistas começaram a desconstruir a forma cada um a sua "maneira", a seu modo, desenvolvendo seu estilo com um pouco mais de liberdade.

Na obra de El Greco uma das características principais que identificavam a desconstrução em seus trabalhos é o esticamento das figuras. Como vemos nessa obra intitulada de "Espólio", que significa herança.

Nela vemos a figura de Cristo ao centro chamando a atenção do observador primeiramente para esta figura, tendo essa primeira atenção reforçada pela vestimenta vermelha que simboliza o seu sangue, o seu sacrifício de morrer em favor da humanidade. Um homem logo a baixo está preparando a cruz onde logo ele será pregado. Qualquer indivíduo nessa posição estaria com um



semblante expressando terrível pavor e revolta e estaria com certeza olhando para cruz, símbolo de sua morte. Cristo, porém olha para o céu e não expressa medo demonstrando assim que entregava-se sem restrições a morte por amor e que tinha uma consciência mais elevada das coisas, acima do humano, demonstrando também com esse olhar para o céu a sua divindade. Os rostos das pessoas a sua volta são escuros e envelhecidos simbolizando a maldade humana em contraste com o rosto sereno de Cristo. Abaixo nós vemos três mulheres. São as três Marias. Os seus rostos também demonstram serenidade como o de Cristo, porém demonstram tristeza e olham para cruz numa indicação que ainda estavam presas a sentimentos humanos, terrenos, como o medo da morte e do sacrifício, não tendo a mesma consciência de Jesus no momento. Dentre essas mulheres existe uma ao meio que aparenta estar mais triste e tem uma mão sobre seu ombro em sinal de consolo. Esse gesto indica que a mulher ao meio é Maria a mãe de Jesus. Outro sinal bastante interessante é que a maioria das pessoas em volta de Cristo não usam roupas da sua época, mas sim trajes espanhóis da época em que a pintura foi realizada. A intenção do pintor era que as pessoas que olhassem a pintura se identificassem com ela, sem esquecer que nesse período a maioria da população não sabia ler, portanto uma imagem retratando um período remoto representando as figuras humanas com roupas da atualidade não faria a menor diferença passando facilmente despercebido, de igual modo, as pinturas serviam como forma de leitura para a população analfabeta.

Você percebeu? Uma obra é muito mais do que imaginamos. E a ideia que o artista busca transmitir chama-se **poética**.

A palavra poética tem origens na poesia, que é um texto artístico escrito de forma não usual para expressar as ideias do autor. Trata-se do ato de criar versos. Envolve o processo de criação da poesia. Mas para as artes plásticas esse nome tem um significado um pouco diferente. Ou seja: a Poética nada mais é do que a resposta para os porquês de uma determinada obra de arte. Ela representa a **interpretação filosófica do que é arte** e envolve o fazer artístico. Ela é o conceito da obra, o discurso não verbal, o texto visual que traduz uma obra de arte, ou seja, representa **as ideias do artista**.